

TRAJETÓRIA PESSOAL E FORMAÇÃO DOCENTE: A HISTÓRIA DE PROFESSORAS LICENCIADAS EM BIOLOGIA NA CIDADE DE GUANAMBI

Maria Soares da Silva Teixeira¹
Talamira Taita Rodrigues Brito²

Eixo temático: Memória, História, Identidade e Gênero

RESUMO

Neste trabalho de pesquisa de mestrado, em andamento, apresentamos os resultados parciais dos processos de formação de professoras em seu exercício docente, que tem como questionamento: como os professores de Ciências Biológicas, dos anos finais (6º ao 9º ano) do ensino fundamental, das escolas públicas do município de Guanambi/BA se forjam na profissão a partir de suas bases formativas e de trabalho? O nosso objetivo é: compreender como as professoras dos anos finais (6º ao 9º ano), do ensino fundamental, da Educação Básica, se reconhecem na profissão professor a partir de suas experiências formativas e de trabalho. Valemo-nos da abordagem qualitativa, baseando-nos na teoria-metodológica da pesquisa-formação (JOSSO, 2004), por meio das narrativas das histórias de vida e de formação de quatro professoras, que exercem a sua função no 6º ao 9º ano, dos anos finais do ensino fundamental, da Educação Básica, em escolas públicas estaduais e municipais da cidade de Guanambi. Para isso, utilizamos o roteiro de entrevista, que gravado e transcrito, contamos as histórias formativa e profissional das professoras de Ciências de Guanambi. Nesse processo, o entrevistador ao apreender e contar a história do outro está também se formando. Para a análise dos dados, fundamentamo-nos na leitura compreensiva-interpretativa das histórias de vida das depoentes, participantes dessa pesquisa, que narram suas histórias de formação e de re-construção de suas identidades docente. Essa pesquisa tem contribuído para entendermos como essas professoras vão se forjando em seu processo de formação. Ainda, como mais uma fonte de pesquisa científica sobre a constituição da formação docente, em seu campo de trabalho, das professoras do sudoeste da Bahia.

Palavras-chave: Formação docente, professoras de Ciências Biológicas de Guanambi, histórias de vida e formação.

INTRODUÇÃO

A nossa implicação com os estudos em torno da formação de professores está associada à caminhada e experiência como professora de Ciências Biológicas da pesquisadora desse trabalho. A vivência com o contexto das condições de trabalho, que desfavorecem o

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores. Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Email: mssteixeira@yahoo.com.br

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores. Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Email: taitadoc@gmail.com

envolvimento pleno junto à profissão, como, por exemplo, salas superlotadas que dificultam as relações interpessoais, a carência de material didático, currículos descontextualizados da realidade da escola e do aluno. Sendo recorrente pensar sobre essa situação.

Debruçando sobre a literatura da área, reconhecemos que existem muitas pesquisas sobre a formação de professores, evidenciadas em teses, dissertações, artigos, livros, dentre outras, que vem contribuindo para apontar as políticas públicas, que envolvem a formação de professores, suas subjetividades, singularidades e, discussões sobre a história da educação no Brasil. Ao tempo que, ainda, percebemos que existem muitas possibilidades de estudos e aprofundamento de aspectos, que, para além dos movimentos do olhar e apontar sobre os formatos das políticas públicas da história da educação e formação, podem repousar em conhecer as vozes daqueles que fazem acontecer o dia a dia da profissão de “assentar-se na sociedade.

Nesse contexto investigativo, trazemos alguns fragmentos de nossa pesquisa de mestrado, que envolvem a formação docente, por meio das histórias de vida das professoras de Ciências Biológicas. A pretensão é responder ao questionamento: como os professores de Ciências Biológicas, dos anos finais (6º ao 9º ano) do ensino fundamental, das escolas públicas do município de Guanambi/BA se forjam na profissão a partir de suas bases formativas e de trabalho? O nosso objetivo é: compreender como as professoras de Ciências, dos anos finais (6º ao 9º ano), do ensino fundamental, da Educação Básica, se reconhecem na profissão professor a partir de suas experiências formativas e de trabalho.

Para responder as perguntas propostas, aportamos na abordagem qualitativa, embasada nos trabalhos de Josso (2004), Souza (2004), que apresentam a pesquisa-formação como possibilidade de lidar com esses universos da formação humana. Ao tempo que possibilita ao pesquisador formar-se ao observar, escutar, entrevistar e ter acesso às histórias do outro. Pesquisamos também, a trajetória da formação docente como processo de conhecimento da própria história.

O meio de aproximação e conhecimento das narrativas das quatro professoras, colaboradoras, foi através de um roteiro de entrevista, que, gravamos e transcrevemos suas histórias de vida. Elas exercem a sua docência no 6º ao 9º ano, dos anos finais do ensino fundamental, da Educação Básica, em escolas públicas estaduais e municipais da cidade de Guanambi.

Para a análise dos dados, fundamentamo-nos na leitura compreensiva-interpretativa das histórias de vida das depoentes, participantes dessa pesquisa, que narram suas histórias de formação e de re-construção de suas identidades docente. Essa pesquisa se justifica pela baixa

publicação sobre como os professores de Ciências, dos anos finais (6º ao 9º ano), do ensino fundamental, da educação básica, forjam-se em sua profissão a partir de suas bases formativas e de trabalho, contadas por elas. A nossa pesquisa tem contribuído para entendermos como essas professoras vão se forjando em seu processo de formação. Ainda, como mais uma fonte de pesquisa científica sobre a constituição da formação docente, no campo de trabalho, das professoras do sudoeste da Bahia.

A TRAJETÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE COMO PROCESSO DE CONHECIMENTO DA PRÓPRIA HISTÓRIA

A literatura trata a profissão professor, no contexto histórico, político e social, como um processo que se iniciou “num movimento de secularização e estatização do ensino” (NÓVOA, 1999. p. 15). Da tutela da igreja, por meio de professores religiosos, o ensino passou para um corpo de profissionais leigos de responsabilidade do Estado. Esse processo homogeneizou e unificou a profissão docente. No século XVIII é exigida a licença, autorização ou aval do Estado para ensinar, que passou por um procedimento de exame, que possibilitou definir um perfil de competência técnica e legitimar o ofício de professor na carreira docente.

Com as escolas normais nos séculos XIX e XX e a preparação de professores para a instrução primária, os cursos de formação vem proporcionar um corpo de saberes próprios da profissão docente, que emergem, nesse contexto, a identidade profissional dos professores e o movimento de associação docente, que reivindicava um melhor estatuto socioeconômico e profissional na profissão e na carreira docente. (NÓVOA, 1999).

Na história da educação, Nóvoa (1999), ao falar sobre a profissão docente em Portugal, que se assemelha com a profissão professor no Brasil, o autor (2008) afirma que os professores vêm sofrendo uma desprofissionalização (ou proletarização) nas últimas décadas.

A proletarização faz parte de um dos processos a que os trabalhadores estão submetidos no capitalismo, e que vem desqualificando o trabalho docente, por meio de baixos salários e precárias condições de trabalho. (COSTA, 1995; BRZEZINSKI, 2002). Concordamos com Costa (1995) ao salientar sobre o processo de proletarização docente, que vem configurando com a desqualificação de trabalhadores, vinculados ao Estado, por meio das condições e produção do trabalho, do salário e da progressão da carreira docente.

Podemos citar como proletarização o processo de desvalorização salarial docente que vem ocorrendo nas últimas décadas, com a universalização da escola pública, a perda de

status social, em que os professores buscam a preservação de direitos trabalhistas, que vem vigorando em descontentamento da classe docente, que exerce um ofício intelectual.

Nóvoa (1999) comenta sobre o esgotamento estatal da profissão docente, na sociedade contemporânea, o prestígio do professor que continua intacto, a necessidade de romper com a imagem de profissionalização nas escolas e o papel exclusivo do trabalho do professor na organização escolar. Compactuamos com a proposta de Nóvoa (1999) sobre a necessidade da estabilidade profissional e de um salário digno para o professor e não de gratificações, como veio ocorrendo na história da educação, mas que o professor possa se sustentar com o exercício do seu trabalho, na reconfiguração de sua profissão.

Ao falar sobre a formação de professores, Nóvoa (1999) destaca a dicotomia que vem ocorrendo entre modelos acadêmicos e práticos, entre instituições superiores e educação básica. Salieta que possamos centrar em modelos profissionais que valorizem a formação inicial e continuada, com organização e articulação entre escolas e universidades, numa concepção de uma práxis reflexiva na profissão docente, na consolidação de bases teóricas e de atitudes de investigação e ação na formação da profissão professor.

Nóvoa (1999) faz uma análise da evolução do currículo na formação de professores, que oscila entre os polos metodológico, disciplinar e científico, que envolve a técnica, o conhecimento em determinada área e às ciências. E, sublinha os saberes e o reencontro de novos valores da profissão docente, por meio de ações concretas dos professores em seu local de trabalho. Aderimos à afirmação de Nóvoa (2007) quando ressalta que devemos pautar na exigência de uma carreira, com condições de acesso, progressão, avaliação e legitimação da profissão docente.

Sobre a perda de prestígio e a numerosidade de professores da educação básica, que dificulta não só a melhoria do seu estatuto, mas também o investimento no desenvolvimento profissional, Nóvoa (1999) pontua que deveria fazer parte da carreira docente. Mas, que no final desse século, parece que os professores estão buscando alternativas de condições com possibilidades de um desenvolvimento profissional, na reconquista de novas energias e de fontes de prestígio na carreira da profissão professor.

Isso tudo, então, está, atualmente, sendo fomentado pelo que conhecemos como “desenvolvimento profissional de professores”, que se dá sob duas forças – endógenas e exógenas, que Ramalho et. al. (2003, p. 11) afirmam ser a profissionalidade (interna) e o profissionalismo (externa). “A primeira diz respeito aos saberes, competências, atitudes, etc, a segunda, volta-se para a busca do reconhecimento social, de um maior status do grupo, etc.”. Os autores assinalam uma crise de identidade profissional da categoria e um enorme déficit de

competência na hora de formar o professor. E, que isso tem haver com o que ensina e com a prática do seu trabalho, como o ensino é tratado institucionalmente e as condições dos contextos do exercício da profissão (p.12).

Para trabalhar com as questão das imagens, como nos contruímos na carreira, os aspecto exógenos tem haver com o estatuto, tem a ver com o regime de trabalho, com as instituições formadoras, com os espaços que legitima aquele profissional. E os aspectos endógenos tem a ver com a subjetividade de cada um, que passa por essas instâncias e experiências profissionais. Já a formação é de caráter endógena e exógena, por que precisamos querer nos formar, mas por outro lado, precisamos aderir a um lugar legitimado pelo estado que nos forma – são as instituições de ensino superior. Precisamos aderir à forma que está estabelecida para nos estabelecer. Outra coisa é quando recebemos o autorizo para trabalhar e novamente nos submetemos ao estatuto, por um ou por outro regime de trabalho, como ser seletista. Vamos nos construindo na carreira, ao assentarmos na profissão. Muitas vezes, nos alienamos em nosso próprio fazer formativo, sem tempo pra ler, para pesquisa, para desenvolvimento de trabalho de extensão.

Para Ramalho et. al. (2003, p. 19) “pensar no professor como um profissional, trabalhar na perspectiva da docência como profissão, implica reconhecê-lo como produtor de sua identidade profissional.” Salientam que formar o professor para o desenvolvimento profissional, na perspectiva da profissionalização não é fácil essa implementação, pois o professor não é mais um técnico que executa os procedimentos vindo da racionalidade técnica, mas sujeito construtor de sua profissão. (p. 37). Ao fazer referência ao racionalismo técnico, Ramalho et. al. (2003, p. 38) asseveram que a formação é limitada na interação com outros profissionais, devido ao consumismo de “conhecimento científico” produzido por outros, que leva à desprofissionalização técnica e do trabalho do professor, que consideram elemento dessa profissionalização. Sendo que, “a profissionalização é um processo sóciohistórico que evolui segundo novos contextos”. (p. 45).

Ainda,

O processo de construção da identidade profissional não é um processo natural, mas um processo social e histórico, dado pela ação do grupo que deseja a profissionalização, assim como pelo contexto que oferecem as condições necessárias a esse processo. (RAMALHO et. al., 2003, p. 64).

Acreditamos que a nossa identidade vem se afirmando frente à participação e mobilização da categoria em eventos na área de educação, na conquista de direitos, ao longo da história docente, na defesa da garantia da qualificação e do profissionalismo.

Com base nos conceitos de Morosini (2006) e de Ramalho et. al (2003) entendemos que profissionalismo envolve o conhecimento da profissão docente e das ciências, o aperfeiçoamento contínuo, o diálogo, ações, reflexões sobre o processo educativo, o respeito aos valores dos professores, a qualificação especializada, o trabalho coletivo, a interatividade com a práxis pedagógica.

A TEORIA-METODOLÓGICA DA PESQUISA FORMAÇÃO

Valemos da abordagem qualitativa, por tratar de um estudo da história de vida das professoras colaboradoras da pesquisa, que traz em suas narrativas as experiências de formação, singularidades, subjetividades e identidades construídas ao longo de sua formação docente, em seu campo de trabalho.

Para compreendermos os processos de formação, em que as professoras vão se forjando no exercício de sua docência, amparamo-nos na teoria-metodológica da pesquisa-formação. Para Josso (2004) e Souza (2004) a pesquisa-formação apresenta como possibilidade de lidar com os universos formativos da condição humana, ao tempo que, propicia ao interlocutor formar-se, ao observar e ter acesso às histórias dos outros.

Desse modo, desenvolver um trabalho de pesquisa a partir das histórias de vida, centrada na formação do professor contribui para conhecer experiências de si, do outro, de nossas mudanças sociais e culturais, de nossos percursos formativos.

A pesquisa com histórias de vida “evidencia a exigência metodológica de pensar as facetas existenciais da identidade.” (JOSSO, 2007, p. 416), que constituem os registros, nossas crenças, memórias de nós mesmas, sobre nossa própria vida. Essa abordagem pode contribuir para entendermos as nossas trajetórias e processos de formação, que podem gerar uma produção do saber pedagógico, no intercâmbio de experiências.

Assim, participaram da pesquisa quatro professoras, que exercem a sua função nos anos finais do ensino fundamental, da Educação Básica, em escolas públicas estaduais e municipais de Guanambi. Utilizamos o roteiro de entrevista, que gravado e transcrito, as professoras Costa, Magalhães, Silva e Souza narram seus processos de formação docente.

Sobre a leitura compreensiva interpretativa, Josso (2004) acentua que, fundada sobre uma perspectiva fenomenológica e hermenêutica, dá-se a partir da tomada, mais ou menos

consciente, de um caminhar interior, do pesquisador e do participante da pesquisa, antes de se tornar *visível* para o outro, indissociável à prática da metodologia da pesquisa-formação, das transações e interações que os caracterizam.

VIAJANDO NO TEMPO DA PRÓPRIA HISTÓRIA: A COMPREENSÃO E A INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS DAS PROFESSORAS EM SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO

Para o desdobramento dessa pesquisa, delineamos a vida formativa e de trabalho das professoras colaboradoras, por meio de suas histórias de vida. Portanto, nosso campo compreensivo e interpretativo são os processos de formação das professoras de Ciências Biológicas de Guanambi, dos anos finais do ensino fundamental. Para essa análise, apresentamos as histórias orais de professoras, gravadas e transcritas, para entender a sua formação e autoformação, ao longo de sua trajetória formativa e profissional, compreendida pelas experiências vivenciadas no percurso de sua vida.

Conforme o perfil biográfico das professoras Costa, Magalhães, Silva e Souza, todas tem formação em Pedagogia e em Ciências Biológicas, com especializações na área de educação. Exercem a sua função docente há mais de vinte anos, em escolas públicas estaduais e municipais, com 40 horas aula semanais. Souza trabalha mais 20 horas aula em outra cidade, com aproximadamente, 20 quilômetros de distância de Guanambi.

Costa e Magalhães afirmam que sempre tiveram vocação para o magistério. Gostam de exercer a profissão professora. Em suas narrações, asseveram que não saberiam fazer outra coisa.

Silva e Souza contam que não queriam, inicialmente, o magistério. Conforme Souza, por circunstâncias familiares e financeiras ela resolveu prestar concurso e exercer a profissão. Silva considera que, por falta de opção e imposição familiar concluiu o magistério e, concursada, iniciou a sua vida profissional muito cedo. As depoentes descrevem que desempenham a profissão com responsabilidade, e, que aprenderam a gostar da profissão.

Costa, em sua narrativa, discorre sobre seu processo de formação, que principiou seus estudos em Tanque Novo. Concluiu a Educação Básica e o ensino superior em Guanambi. Salienta que, no seu percurso de formação, continuou “sempre realizando cursos. Porque o professor, ele nunca deve parar!”.

Silva que cursou a educação básica em Guanambi, metade escola particular, metade escola pública. Concluiu pedagogia, como forma de progressão na carreira, e, Biologia,

porque se identifica com a área de saúde, que é o que ela gosta. Narra que “na escola de Educação Básica, a vida do professor é de muito estudo, de pesquisas, de leitura.”.

Magalhães, ao narrar sobre seu processo de formação e de seu exercício na sala de aula, alega que “... O tempo é muito corrido, o tempo é muito curto. Muitas vezes, também, eu preparo as minhas aulas, mas, na maioria das vezes, o professor não está tendo mais oportunidade de falar em sala de aula.”.

Souza conta sobre seu processo de formação, de suas dificuldades em estudar, pois residia na zona rural, distante da escola. Tinha que caminhar muitos quilômetros, pois não existia transporte para alunos. Sobre o início de sua carreira, no Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), narra que:

Eu comecei, eu acho que eu tinha 16 anos. Eu não era formada ainda não, mas a gente fazia uma seleção, naquela época. Eu estava fazendo, parece que era segundo magistério, e aí eu passei na seleção e fui chamada para trabalhar, porque eu estava precisando. Então, eu tinha na sala de aula 25 alunos com mais idade. (Fragmento da entrevista da professora Souza).

Ao relatar as lembranças de sua primeira experiência, Souza descreve o ambiente que enfrentou para dar aulas, para adultos; as dificuldades da falta de material básico para o funcionamento das aulas, no noturno, o seu esforço em proporcionar um ambiente mais agradável para seus alunos. Esse relato, segundo Oliveira (2000, p.14) propicia “revisitar o passado, através do trabalho de memória, permite ao professor um exercício de desconstrução das imagens instituídas socialmente, com relação à docência.”.

Em seu processo de formação continuado, as quatro professoras cursam a segunda licenciatura em Ciências Biológicas e ou Biologia, fundamentadas na LDB 9394/96, para se atermem em uma disciplina do currículo. Contudo, sem nenhuma progressão na carreira. Para Diniz-Pereira (2007) a licenciatura deve ser imprescindível no complexo processo de formação do professor, construída durante a própria escolarização docente, fundamentada com questões advindas da realidade escolar.

Conforme Ramalho, Nuñez e Gauthier (2003) a formação de professores, por vezes, não tem compreendido a natureza da atividade educativa, que nem sempre coincidem com a dinâmica da própria formação do educador. Salientam sobre a importância da preparação do professor, na construção de sua identidade, que englobam a formação integral do profissional docente, em um contexto sócio-histórico. Para isso, de acordo com Ramalho, Nuñez e Gauthier, torna-se relevante a conscientização e o debate das certezas e incertezas dos processos formativos e da realidade em que esse profissional terá que enfrentar.

Nas trajetórias da profissão professor a identidade docente vem sendo (re) construída nos embates do dia a dia de ser professor, que para Nóvoa (2007, p. 8) os professores estão sujeitos, desde os últimos anos, às pressões e tensões sufocantes em sua profissão, “que cruzam as dimensões pessoais e profissionais.”. Essa situação denunciada por Nóvoa se intensifica nas narrativas das depoentes, nos excertos anunciados em suas histórias de vida profissional docente.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Pensamos que essa pesquisa tem contribuído para entendermos como essas professoras vão se forjando em seu processo de formação. Também, consideramos como mais uma fonte de pesquisa científica sobre a constituição da formação docente das professoras do sudoeste da Bahia.

Nesse processo narrativo das histórias de vida formativa e profissional, das professoras colaboradoras da pesquisa, sentimo-nos sujeito e objeto de formação, pois ao contar suas histórias de formação, os percursos que ocorrem na tessitura da vida educacional, também vamos nos formando, com nossas singularidades, subjetividades e identidade com a profissão docente. Esse processo vem acontecendo através das leituras, de presenciar, conhecer e delinear as histórias de formação das depoentes, que se entrelaçam com as nossas vidas. Também, de pesquisar sobre as trajetórias de formação docente no Brasil, e, de como as professoras vão se identificando com o seu processo de formação em seu itinerário formativo, no exercício da profissão docente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 16 dez. 2012.

BRZEZINSKI, I. **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano editora, 2002.

COSTA, M. C. V. **Trabalho docente e profissionalismo: uma análise sobre gênero, classe e profissionalismo do trabalho dos professores de classes populares**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

DINIZ-PEREIRA, J. E. D. **Formação de Professores: pesquisa, representações e poder**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MOROSINI, M. C. (Org.). **Enciclopédia da Pedagogia Universitária**. Glossário, v. 2. INEP/RIES, 2006. Disponível em: <www.publicacoes.inep.gov.br/.../%7BC6B9C92D-C712-4849-A0E3-FC2>. Acesso em: 25 jan. 2014.

NÓVOA, A O passado e o presente dos professores. In: **Profissão Professor**. Tradutores: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luisa Santos Gil. Porto: Porto editora, 1999, p. 13-34.

_____. **Vidas de professores**. Tradutores Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. 2 ed. Portugal, Porto: Porto editora, 2007.

OLIVEIRA, V. F. (Org.). **Imagens de professor**: significações do trabalho docente. Rio Grande do Sul: Ijuí: UNIJUI, 2000.

RAMALHO, B. L.; NUÑEZ, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. UFRN. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Terra, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10267>>. Acesso em: 20 out. 2013.